

Entre o tabu e a informação: Educação Sexual e a experiência de estudantes de licenciatura em Ciências Biológicas

Between taboo and information: Sexual Education and the experience
of biological sciences graduation students

Entre tabou et information: L'éducation sexuelle et l'expérience
des bacheliers en sciences biologiques

Carla Pessoa Brito¹, Vanessa da Silva Lima Felix, Nicole Bezerra Soares & Thiago Leite de Melo Ruffo
Instituto Federal da Paraíba, Cabedelo, Brasil.

Resumo

Objetivou-se neste trabalho analisar as experiências decorrentes da falta ou presença de Educação Sexual em estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal da Paraíba, Cabedelo, Brasil, ao longo de suas vidas. Trata-se de uma pesquisa de levantamento com abordagem quali-quantitativa. Utilizou-se um questionário *online* como instrumento de coleta de dados, o qual foi aplicado entre março e setembro de 2023 para uma amostra de 32 estudantes. Os resultados revelaram que a maioria dos/as pesquisados/as receberam pouca informação sobre Educação Sexual durante a infância e adolescência. Acerca dos benefícios por terem recebido algum tipo de Educação Sexual, os/as estudantes destacaram: prevenção de riscos à saúde, possibilidade de autoconhecimento e capacidade de identificar situações de assédio e/ou abuso sexual. Já em relação aos malefícios oriundos da ausência da Educação Sexual, destacaram: dificuldade em identificar/ lidar com situações de assédio e a dificuldade/ constrangimento para falar sobre temas relacionados à sexualidade. Diante dos resultados apresentados, conclui-se que a Educação Sexual é essencial para que futuros/as professores/as de Biologia possam desempenhar seu papel de educadores/as de maneira completa e eficaz, contribuindo para a saúde, bem-estar e desenvolvimento integral dos/as discentes, bem como para a formação de cidadãos/ãs bem informados/as e críticos/as.

Palavras-chave: benefícios, educação, malefícios, saúde, sexualidade

Abstract

This work aimed to analyse the experiences arising from the lack or presence of Sexual Education among Biological Sciences Degree students from the Federal Institute of Paraíba, Cabedelo, Brazil, throughout their lives. This is survey research that draws on a qualitative-quantitative approach. An online questionnaire was used as a data collection instrument, which was applied between March and September 2023 to a sample of 32 students. The results revealed that the majority of those surveyed received little information about Sexual Education during their childhood and

¹ **Correspondência:** Coordenação de Ciências Biológicas, Instituto Federal da Paraíba (IFPB), R. Santa Rita de Cássia, 1900 - Jardim Camboinha, Cabedelo - PB, 58103-772, Brasil.

E-mail: carla.pessoa@academico.ifpb.edu.br; felix.vanessa@academico.ifpb.edu.br; nicole.soares@academico.ifpb.edu.br; thiago.ruffo@ifpb.edu.br

adolescence. Regarding the benefits of having received some extent of Sexual Education, the students highlighted the prevention of health risks, the possibility of self-knowledge and the ability to identify situations of sexual harassment and/or abuse. Regarding the harm arising from the lack of Sexual Education, the following stood out: difficulty in identifying/ dealing with harassment situations and difficulty/ embarrassment talking about topics related to sexuality. Given the results presented, it is concluded that Sexual Education is essential to ensure that future Biology teachers can play their role as educators completely and effectively, contributing to the health, well-being and integral development of students, as well as the schooling of well-informed and critical citizens.

Keywords: advantages, disadvantages, education, health, sexuality

Résumé

L'objectif de ce travail était d'analyser les expériences découlant du manque ou de la présence d'éducation sexuelle chez les étudiants du cursus de licence en sciences biologiques de l'Institut Fédéral de Paraíba, Cabedelo, Brésil, tout au long de leur vie. Il s'agit d'une enquête avec une approche qualitative-quantitative. Un questionnaire en ligne a été utilisé pour collecter des données entre mars et septembre 2023 auprès de 32 étudiants. Les résultats ont montré que la majorité des personnes interrogées ont reçu peu d'informations sur l'éducation sexuelle pendant leur enfance et adolescence. Concernant les avantages d'avoir reçu une éducation sexuelle, les étudiants ont souligné la prévention des risques pour la santé, la connaissance de soi et la capacité à identifier les situations de harcèlement et/ou d'abus sexuels. En ce qui concerne les inconvénients de l'absence d'éducation sexuelle, ils ont mentionné la difficulté à identifier/ gérer les situations de harcèlement et l'embarras à parler de sexualité. Les résultats indiquent que l'éducation sexuelle est essentielle pour que les futurs professeurs de biologie puissent jouer pleinement leur rôle d'éducateurs, contribuant ainsi à la santé, au bien-être et au développement intégral des élèves, ainsi qu'à la formation de citoyens informés et critiques.

Mots-clés: avantages, éducation, inconvénients, santé, sexualité

Introdução

Ao discutir a importância da educação diante da formação social e de caráter do indivíduo, é crucial mencionar o papel da sexualidade e da Educação Sexual (ES) neste meio formativo, mesmo que tais temas ainda sejam frequentemente considerados “impróprios” ou “desnecessários” em diversos âmbitos.

É essencial destacar que as experiências vivenciadas durante a infância, incluindo o ambiente familiar e o acesso às informações, moldam a personalidade e, conseqüentemente, influenciam as ações e reações futuras do indivíduo, determinando o quão vulnerável ele estará acerca de situações frequentes na sociedade. Experiências como essas deveriam ser mediadas a partir de uma base sólida oferecida no seio familiar. No entanto, muitas vezes acabam se tornando fontes de constrangimento, repreensão e deficiências nas questões relacionadas à sexualidade. Isso evidencia a ideia de que, como aponta Fagundes (2007, p. 406), “nem todas as famílias conseguem efetivar, de forma satisfatória, esse tipo de educação num contexto de preparação para a vida”.

A partir de outro contexto, a Igreja reivindica seu papel na discussão e propagação dos tópicos envolvendo a sexualidade, exercendo uma influência significativa na interpretação dos contextos e na inibição de comportamentos. Isso pode resultar em um retardo ou até mesmo na restrição desses temas em grande parte do meio social desde o início de seu surgimento (Coutinho & Miranda-Ribeiro, 2014). Dessa forma, a Igreja é vista como um dos principais causadores de constrangimento e formação de barreiras entre esses temas e o público, independentemente da faixa etária.

Ao considerar as adversidades comuns no cenário atual, é possível ter uma ideia dos impactos que tais

limitações impõem aos indivíduos e como interferem no bem-estar destes, seja de forma direta ou indireta, em nível psicológico ou físico. Neste cenário, estão inclusas experiências adversas ao longo da vida, como abusos sexuais, contração de infecções devido a relações mal protegidas ou falta de higiene, visto que falar de ES não se trata apenas do ato em si, mas também dos cuidados com o corpo e a mente, enfatizando o autoconhecimento e o desenvolvimento social. Esses aspectos contribuem para a construção de uma identidade crítica e autônoma na sociedade (Vargas et al., 2022).

Assim, é relevante destacar que a falta de conhecimento não se restringe apenas ao público infantil e adolescente, mas também inclui pessoas adultas, que muitas vezes têm informações equivocadas sobre o assunto. Isso se reflete na transmissão de informações a jovens, como filhas/os, familiares ou amigas/os, disseminando conceitos incoerentes que podem colocar esses indivíduos, ou até mesmo a si próprios, em constante risco.

Diante do exposto, o presente artigo teve como objetivo analisar as experiências decorrentes da falta ou presença de ES em estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), *campus* Cabedelo, Brasil, ao longo de suas vidas. Procurou-se também enfatizar os benefícios ou malefícios presentes na realidade do indivíduo e como isso se reflete diante do tema trabalhado.

Revisão bibliográfica

Para iniciar uma revisão sobre o tema em questão, é necessário salientar as diversas dimensões associadas à sexualidade. Frequentemente, o termo é reduzido aos aspectos biológicos, limitando-se ao ato sexual. Entretanto, a sexualidade é abrangente e está envolvida em vários outros aspectos que afetam um indivíduo, principalmente suas construções sociais. Ela ultrapassa a ideia de se estabilizar apenas no corpo físico, pois a construção social ocorre de várias maneiras.

De acordo com Louro (2016), é comum pensar na sexualidade como algo inerente a todas as pessoas, ou seja, como algo dado pela natureza, intrínseco ao ser humano. Essa concepção frequentemente se baseia no corpo e na suposição de que todos os indivíduos vivenciam seus corpos da mesma forma, de maneira universal. No entanto, é possível compreender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos e convenções, processos que são profundamente culturais e plurais. Foucault (1976/1988), por exemplo, definiu a sexualidade como um “dispositivo histórico”, como é mencionado:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder. (p. 100)

Considerando as discussões sobre sexualidade, é fundamental abordar a frequente presunção de que indivíduos adultos possuem conhecimento suficiente e adequado sobre determinados temas, especialmente questões associadas à ES. Entretanto, ainda existem lacunas em relação a esse assunto ao longo da vida adulta, muitas vezes devido à falta de aprendizado durante a adolescência e infância, o que resulta em uma

preparação inadequada. Como consequência, esses indivíduos estão cada vez mais expostos a riscos, perpetuando estereótipos e mantendo crenças equivocadas.

Diante disso, é crucial compreender como a ES é caracterizada. No presente trabalho será adotada a concepção de Figueiró (1996), pois ela oferece uma visão abrangente e integrada que se considera fundamental para tratar a temática em questão. Essa concepção define a educação sexual como “toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja no nível do conhecimento de informações básicas, seja no nível do conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionadas à vida sexual” (p. 51). Com isso, pode-se abordar de maneira holística os diversos aspectos que envolvem a sexualidade, garantindo uma compreensão mais completa e significativa do tema.

Nas escolas brasileiras, a ES passa a ser formalmente incluída no início do século XX, marcada por um caráter moralista, religioso e voltado estritamente para estratégias de saúde pública, sendo somente a partir das décadas finais do mesmo período associada a questões como direitos reprodutivos e liberdade sexual (Figueiró, 2010; Furlanetto et al., 2018; Sfair et al., 2015). No estudo realizado por Furlanetto et al. (2018), observou-se que profissionais de enfermagem e professores/as são os que mais abordam a ES nas escolas, sendo que estes/as últimos/as se concentram, principalmente, nas disciplinas de Biologia e Ciências. Embora a escola seja frequentemente destacada como um espaço fundamental para a formação integral dos indivíduos, incluindo a discussão de temas relacionados à sexualidade, ainda há lacunas que dificultam a efetiva implementação da ES no ambiente pedagógico.

Apesar da transversalidade inerente à ES, as aulas de Ciências e Biologia se revelam como o principal contexto pedagógico onde a temática é tratada no Brasil, o que relaciona os/as pesquisadores/as aos questionamentos que movem esta pesquisa. Os relatos de professores/as, em relação à abordagem da ES em suas formações, apontam para a insuficiência no aprofundamento do assunto que, quando abordado, comumente se limita ao caráter “biologista” (Bonfim, 2010; Furlanetto et al., 2018; Saito & Leal, 2000; E. Souza, 2018).

Apesar das dificuldades que possam surgir ao abordar esse tema, a escola é apresentada como um dos principais meios de intervenção. No entanto, diferentes grupos conservadores buscam silenciar os debates sobre sexualidade e ES no contexto educacional. O discurso desses movimentos frequentemente apresenta uma visão distorcida da ES, que é vista por eles como uma forma de estimular precocemente a atividade sexual em crianças e jovens, além de promover comportamentos sexuais considerados desviantes, ou seja, aqueles que não seguem o padrão cis-heteronormativo. Todas essas ideias são baseadas na concepção da chamada “ideologia de gênero”, argumento frequentemente utilizado para favorecer figuras políticas de viés conservador e fortalecer a influência da bancada fundamentalista (Cassiavillani & Albrecht, 2023; Miguel, 2016).

A consequência desse pensamento é reforçada ao analisar que “aproximadamente 60 projetos de lei tramitaram ou tramitam no Congresso Nacional e casas legislativas objetivando impedir a ‘doutrinação’ política e ideológica de alunos por parte de professores nas escolas” (Furlanetto et al., 2018, p. 554). Assim, é afetada diretamente a abertura da temática no âmbito escolar, ocasionando empecilhos que se expandem

até à maioria dos/as estudantes devido à falta de diálogo que parte de diferentes esferas.

Por isso, é essencial discutir os benefícios de uma ES adequada, visto que o desenvolvimento de uma sexualidade saudável é fundamental para todas as crianças e adolescentes. Esse desenvolvimento depende da obtenção de informações e da formação de atitudes, crenças e valores sobre consentimento, orientação sexual, identidade de gênero e relacionamentos (Swartzendruber & Zenilman, 2010), aspectos cruciais para que compreendam a sexualidade de forma saudável. Portanto, é importante que a ES seja acessível, precisa e adequada à idade, capacitando jovens a tomar decisões informadas e a adotar comportamentos responsáveis.

Embora os meios de inclusão relacionados à ES nas escolas ainda sejam limitados, é importante destacar que existem algumas iniciativas documentais que possibilitam essa abordagem. Exemplos disso são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN; Ministério da Educação [MEC], 1997), o Plano Nacional de Educação (PNE; MEC, 2014) e a Base Comum Nacional (BNCC; MEC, 2018).

O primeiro traz a transversalidade da temática “Educação Sexual”, enquanto que no PNE, inicialmente, ela fora estabelecida no Eixo II, intitulado “Educação e Diversidade: Justiça Social, Inclusão e Direitos Humanos”, o qual, dentre várias diretrizes, visa promover as igualdades, incluindo as raciais, por orientação sexual e identidade de gênero, além de abordar os direitos reprodutivos e a prevenção de abusos e exploração sexual (MEC, 2014). No entanto, na atual versão do PNE (2014 a 2024), as questões de gênero e sexualidade foram completamente retiradas do texto (Baracuh & Pereira, 2021).

Na BNCC, que passou por diferentes versões antes da sua efetivação e, assim como ocorreu com o PNE, as versões anteriores à homologada em 2017 continham menções às temáticas ligadas à sexualidade. No entanto, essas menções desapareceram na versão oficial voltada às etapas da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Nesse sentido, ao observar os diversos empecilhos com relação às políticas curriculares acerca dos temas de gênero e sexualidade, é ressaltada a importância de que sejam continuados os estudos sobre o tema em questão (Fiorini, 2020).

Metodologia

Aspectos éticos

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do IFPB (parecer nº 5.546.305). Para poder participar do estudo, os/as discentes deveriam autorizar a sua participação, assinalando concordância no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que esteve presente no início do questionário *online*.

Toda pesquisa que envolve seres humanos apresenta riscos em diversos tipos e graus. Nesse sentido, é importante esclarecer que os riscos deste estudo foram mínimos, como, por exemplo, o constrangimento em relação ao tema, que poderia causar desconforto em algumas pessoas por ser um assunto íntimo e pessoal. Para prevenir qualquer risco e incômodo aos/às participantes, a pesquisa foi realizada a partir da coleta de dados por meio de um questionário online, garantindo maior confidencialidade e anonimato, pois não houve necessidade de fornecer informações pessoais diretamente aos/às pesquisadores/as.

Ademais, deixou-se claro que os/as participantes poderiam respondê-lo de forma privada, sem a interferência de outras pessoas. Se ainda assim se sentisse desconfortável ou constrangido em qualquer etapa deste estudo, sua participação poderia ser interrompida quando desejasse.

Procedimentos metodológicos

O estudo apresenta uma abordagem quali-quantitativa, pois busca analisar os dados de forma objetiva, analítica e interpretativa, estruturando-os por meio da categorização das respostas e elaboração de gráficos, para melhor apresentação dos resultados da pesquisa.

Trata-se de uma pesquisa de levantamento, a qual se caracteriza pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. A escolha deste procedimento técnico deu-se considerando a possibilidade de conhecimento direto da realidade, a economia e rapidez, e a possibilidade de quantificação dos dados (Gil, 2002). Acerca do instrumento de coleta de dados, optou-se pelo questionário online por meio da plataforma Google Forms. Os questionários possibilitam “coletar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas e situações vivenciadas” (Gerhardt & Silveira, 2009, p. 69) dos/as participantes. O questionário utilizado nesta pesquisa possuía questões objetivas e subjetivas e foi adaptado de Abreu (2010).

Na primeira parte do questionário (questões de 01 a 04), foram abordados aspectos relativos ao perfil dos/as participantes, tais como idade, gênero, orientação sexual e período no curso. Na segunda e última parte do questionário, abordaram-se questões relacionadas à Educação Sexual e à experiência dos/as participantes com a temática. O objetivo foi compreender se possuíam uma vida sexual ativa, se receberam educação sexual durante a infância e/ou adolescência, e quais foram as consequências e benefícios percebidos.

Qualquer estudante poderia participar da pesquisa, desde que atendesse a dois critérios: ser maior de idade e estar matriculado/a no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do IFPB Campus Cabedelo. A divulgação do questionário *online* foi realizada nas salas de aula e nos corredores da instituição (por meio de um *QR Code*) e através de redes sociais.

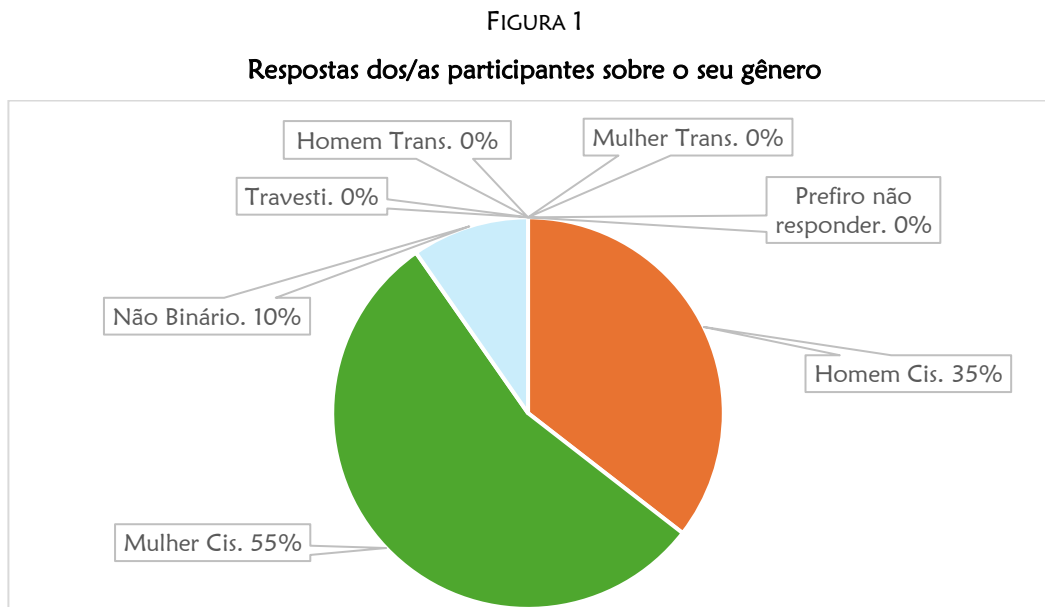
Análise dos dados

As respostas das questões objetivas foram organizadas em planilhas do Excel para a elaboração de gráficos representativos, com o objetivo de facilitar a compreensão dos dados da pesquisa. Por outro lado, as respostas das questões subjetivas foram agrupadas com categorias definidas pelos/as autores/as do trabalho, utilizando o método de codificação de dados, com o propósito de adotar uma abordagem qualitativa.

Conforme descrito por Saldaña (2013), um código pode ser uma palavra ou frase breve que, de forma simbólica, representa um atributo somativo e notável, capturando a essência de dados linguísticos ou visuais. Esses códigos têm a capacidade de condensar partes dos dados, podendo ser utilizados como rótulos descritivos diretos ou, de maneira mais elaborada, como metáforas. Com base nesse princípio, as categorias para a análise dos dados foram estabelecidas.

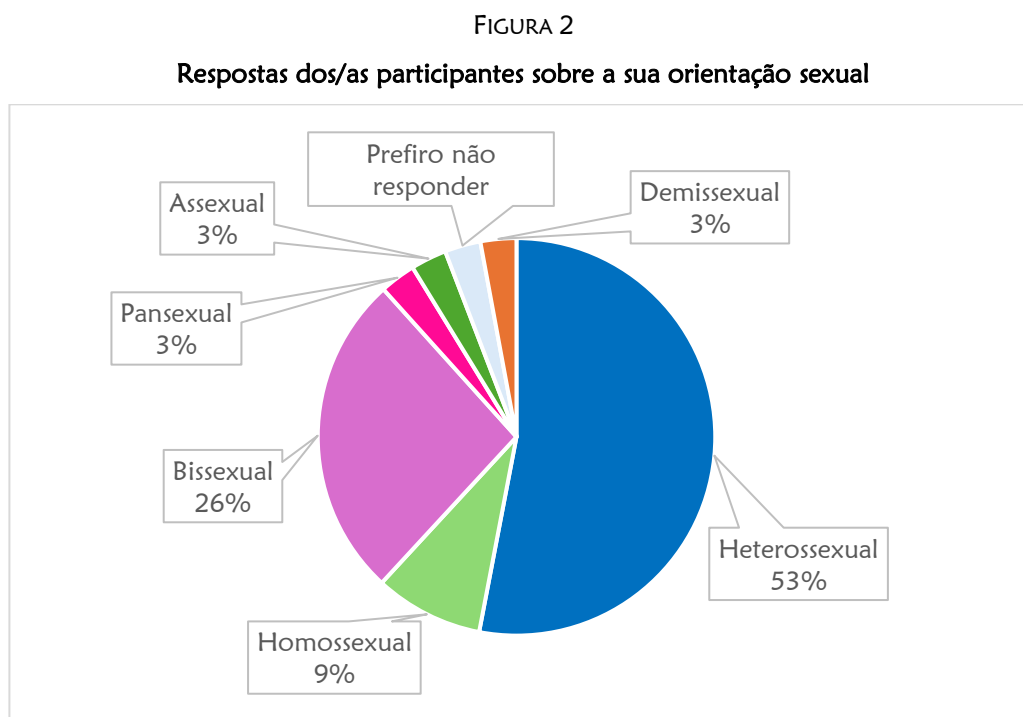
Perfil dos/as participantes da pesquisa

A amostra do estudo incluiu 32 adultos/as, predominantemente composto por mulheres cis, conforme apresentado pelo gráfico da Figura 1, que exhibe os gêneros com os quais os/as participantes se identificam. Nenhum/a dos/as participantes se identificou como homem trans, mulher trans ou travesti, resultando na porcentagem de 0%.



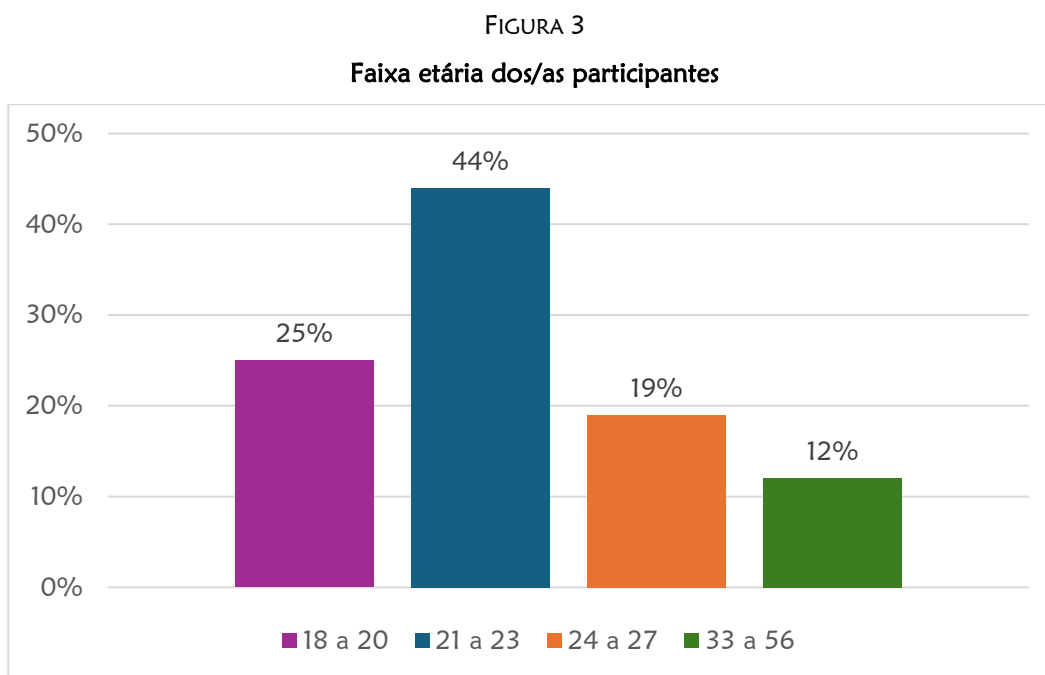
Fonte: Dados da pesquisa, 2023

Quanto à orientação sexual, a amostra incluiu mais da metade de estudantes heterossexuais e cerca de um terço de bissexuais, conforme demonstrado no gráfico da Figura 2, que exhibe a porcentagem de cada categoria mencionada.



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

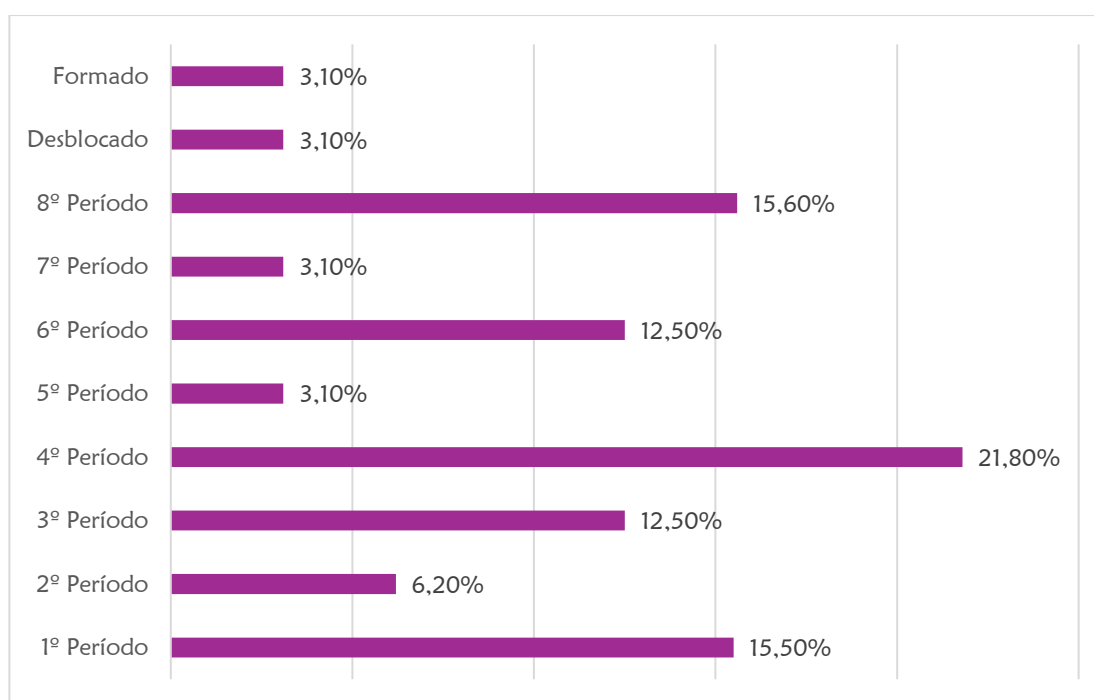
Quanto à idade do público-alvo, conforme indicado pelo gráfico da Figura 3, há uma discrepância em relação à faixa etária dos/as participantes, com uma maior frequência de estudantes entre 21 e 23 anos na pesquisa.



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Referente ao período letivo dos/as participantes durante a pesquisa, o gráfico da Figura 4 evidencia que a maioria estava no quarto período. Observa-se, portanto, uma disparidade significativa nos dados entre os diferentes períodos.

FIGURA 4
Período em que os/as participantes estavam matriculados/as durante a aplicação do questionário



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

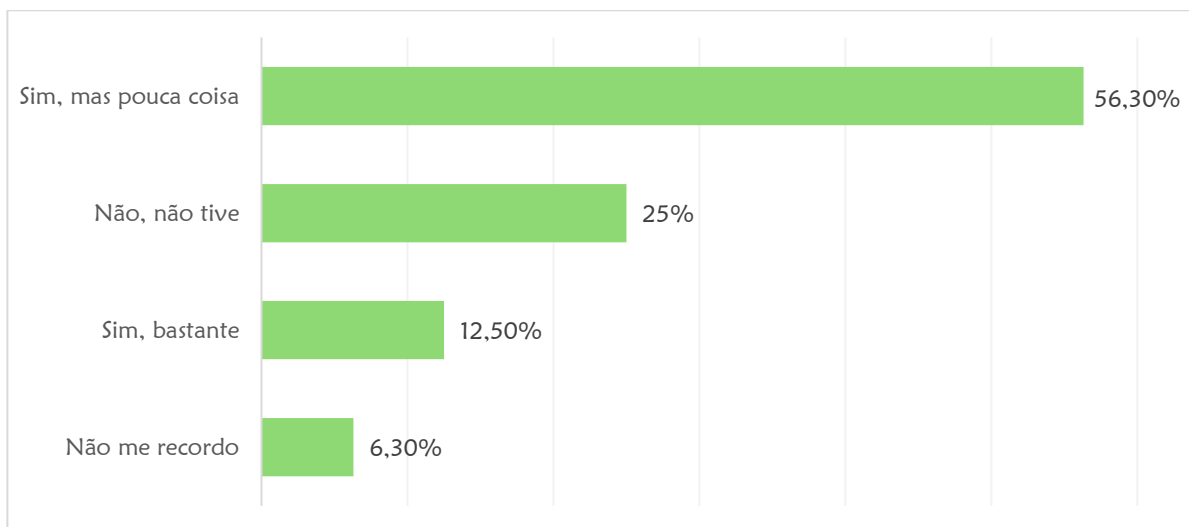
Resultados e discussão

Ao serem questionados sobre a sua vida sexual, observou-se que a maioria dos/as participantes (69%) afirmou ter vida sexual ativa, enquanto que 28% relataram não ter vida sexual ativa e 3% optaram por não responder. Foi considerado que, tanto o grupo de pessoas que responderam não ter vida sexual ativa, quanto aqueles/as que preferiram não responder, podem incluir indivíduos que ainda não iniciaram práticas sexuais, que já iniciaram mas não praticam no momento, ou pessoas do espectro assexual, trazendo luz à complexidade da compreensão da própria sexualidade e suas possibilidades diversas.

Com relação ao recebimento de ES durante a infância e adolescência, a maioria dos/as participantes, representando mais da metade das respostas, afirmou ter recebido, mas em quantidade limitada (“sim, mas pouca coisa”). Inicialmente, esse dado pode ser encarado como um fator positivo, já que grande parte dos/as jovens cresce com acesso a informações ligadas à educação sexual de forma bastante escassa (Leite et al., 2022). Por outro lado, apesar da presença da ES, muitas vezes ela chega por meios duvidosos e de forma inadequada, acarretando consequências que podem afetar a construção do indivíduo (Soares & Soares, 2022). Os dados subsequentes podem ser conferidos a partir do gráfico exposto na Figura 5.

FIGURA 5

Existência de educação sexual durante a infância/adolescência dos/as participantes



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Posteriormente, os/as participantes foram questionados/as sobre quais consequências consideravam importantes abordar acerca da falta de educação sexual vivenciadas na infância e adolescência.

Para obter uma análise mais aprofundada, com base nas respostas previamente analisadas, foi elaborado um quadro (Quadro 1) no qual foram definidas as seguintes categorias: não possuem consequências; dificuldade em identificar/ lidar com situações de assédio; dificuldade/ constrangimento em falar sobre o assunto; desinformação; falta/ atraso de conhecimento.

QUADRO 1

Respostas dos/as participantes sobre as possíveis consequências de não ter recebido algum tipo de educação sexual

Categoria	Quant	Exemplo
Não possuem consequências	3	“Tive uma criação muito atenciosa e responsável principalmente a questões de saúde, mesmo não tendo conversas abertas sobre uso de métodos contraceptivos e proteção contra doenças sexualmente transmissíveis, ainda assim, sempre e mantive atento aos cuidados com a minha saúde.”
Dificuldade de identificar/ lidar com situações de assédio	3	“Principalmente para reagir a assédio (...) por um tempo eu não consegui identificar o que me fazia desconfortável e até por conta da minha criação achava que era minha culpa ‘por chamar atenção demais’.”
Dificuldade/ constrangimento para falar do assunto	3	“Ainda há certo desconforto em ser mais aberto sobre essas coisas.”
Desinformação	3	“Me incomoda não saber quais cuidados devo ter em alguns casos específicos.”
Falta/ atraso de/ no autoconhecimento	1	“Como consequência, consigo descrever a demora que tive para entender como me conhecer melhor, e como sentir prazer...”

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Três participantes da pesquisa responderam que NÃO receberam ES durante a sua infância/ adolescência e informaram que isto não trouxe consequências para a sua vida adulta.

Com base na análise das respostas fornecidas, observa-se que a ausência de ES na vida de jovens e adultos/as acarreta consequências consideráveis ao longo de seu desenvolvimento e amadurecimento, tanto a nível pessoal quanto social. Essa lacuna pode colocá-los/as em situações de vulnerabilidade, uma vez que a falta de diálogo acarreta riscos para sua saúde e bem-estar (Trindade & Bruns, 1999).

Breuner et al. (2016) defendem que falar de educação sexual é compreender que uma sexualidade saudável está relacionada à promoção de uma saúde mental e física de maior qualidade. Isso envolve o respeito às próprias preferências sexuais, ao corpo e às relações interpessoais construídas ao longo da vida, moldando, assim, a individualidade e a maneira de enxergar e lidar com o mundo ao seu redor.

Quanto à categoria “Dificuldades de identificar/ lidar com situações de assédio”, é possível constatar, com base nos relatos, que essa questão suscita uma preocupação significativa. Há um sentimento de insegurança decorrente da insuficiência de conhecimento, deixando as pessoas vulneráveis quanto a “como proceder em uma situação de assédio, como identificar e o que fazer”, conforme mencionado em uma das respostas dos/as participantes.

É importante salientar a necessidade de direcionar essa temática para o público mais jovem, visto que são mais vulneráveis e estão suscetíveis a situações de assédio, como foi mencionado na resposta correspondente: “a falta de informação faz com que a criança não identifique uma situação de abuso sexual”. Essa realidade é respaldada por dados do Ministério dos Direitos Humanos (2018), responsável pelas ações de combate ao abuso sexual infantil e outras formas de violência que estão relacionadas. O Ministério afirma que somente em 2017 foram registradas mais de 20 mil denúncias no Disque 100, um serviço de utilidade pública que recebe demandas sobre essas violações.

A dificuldade em falar sobre o assunto, a qual está impregnada na sociedade e que dificulta a propagação eficiente de informações, é um tema relevante (Garbarino, 2021). Isso nos direciona para a próxima categoria, nomeada como “Dificuldade/constrangimento para falar do assunto”. Acerca desta, destacam-se respostas como “ainda há certo desconforto em ser mais aberto sobre essas questões” e que “o tabu também é um grande problema, timidez e assim por diante”. Esses relatos evidenciam como o constrangimento se torna um obstáculo para uma discussão aberta e saudável sobre o tema, “reafirmando a representação da sexualidade como algo a ser escondido e velado” (T. Silva et al., 2019, p. 9). Para algumas pessoas, é inevitável sentir vergonha ao tratar da temática, pois ela está profundamente enraizada em nossa cultura cotidiana. No entanto, a timidez não decorre apenas das crenças e ideias individuais, mas também da construção histórica social que transformou a sexualidade em um tema traumático (Pancake, 2012).

Ao abordar outra questão, agora focada na categoria “Desinformação”, observa-se que a falta de acesso a informações adequadas afeta diretamente um indivíduo, deixando-o despreparado para lidar com situações reais do seu cotidiano. Portanto, “a falta de informação faz com que a pessoa não consiga saber de muitas coisas, recorrendo a outros meios, como internet por exemplo”, como citado por uma participante.

Dessa forma, devido à sua fácil acessibilidade, a internet frequentemente se torna um refúgio primário para pessoas desinformadas. No entanto, muitas vezes, as informações disponíveis podem ser falsas ou parcialmente verdadeiras, dependendo da fonte pela qual são buscadas, o que coloca em risco a saúde e o bem-estar da população, devido a um equívoco em relação à origem da informação. Isso resulta em aprendizado superficial, sem reflexão crítica, levando a uma busca incessante por conhecimento em fontes inadequadas, o que pode gerar ansiedade e conflitos internos no indivíduo (Maia, 1998; Trindade & Bruns, 1999).

Identifica-se, também, a recorrência da categoria “falta, atraso ou ausência de autoconhecimento”, visto que muitos jovens e adultos/as adquirem autoconhecimento de maneira tardia, ou até mesmo não o alcançam. Isso acaba dificultando suas experiências e até mesmo seus relacionamentos pessoais, pois a demora em conhecer a si mesmos/as atrasa o reconhecimento de seus limites e preferências, como destacado por um dos participantes: “como consequência, consigo descrever a demora que tive para entender como me conhecer melhor, e como sentir prazer...”, que ilustra bem essa situação.

Dessa forma, situações de assédio podem ocorrer, pois a falta de identificação e de autoconhecimento pode levar algumas pessoas a se submeterem a situações de risco extremo, como mencionou um/a dos/as participantes da pesquisa: “por um tempo eu não consegui identificar o que me fazia desconfortável”. Posteriormente, através da mesma afirmação, é reforçado que “e até por conta da minha criação achava que era minha culpa ‘por chamar atenção demais’”. Isso evidencia que muitas vítimas acabam assumindo a culpa diante de situações como o assédio sexual.

Em geral, as mulheres são as principais afetadas, assumindo a responsabilidade pela violência sofrida, o que é naturalizado pela sociedade patriarcal e machista. Adicionalmente, frequentemente optam pelo silêncio, evitando discutir a violência e denunciar os agressores (Alves, 2018). Essa atitude é comum devido à socialização precoce das meninas para tolerar e internalizar a violência, resultado de uma ES fragilizada. Enquanto isso, os verdadeiros responsáveis pelos atos permanecem impunes, fortalecendo a ideologia

machista de que os homens têm livre acesso aos corpos das mulheres, desde que elas não imponham barreiras, como comportamento e vestimenta “adequados” (Porto, 2014).

Diante disso, é igualmente necessário abordar os benefícios proporcionados pela presença de tal educação, uma vez que ela pode prevenir o desconforto de situações cotidianas e promover o autoconhecimento. Esses aspectos foram analisados e discutidos diante da seguinte questão, na qual os/as participantes relataram, com base em suas experiências, suas perspectivas sobre os benefícios de uma ES.

Nesse contexto, um/a participante afirmou que houve “muito pouco benefício, por ter sido numa época em que falar sobre o assunto ainda era um tabu bastante intransponível”, evidenciando as dificuldades na abordagem do tema no passado, mas que ainda persistem na atualidade, em grande parte se fazendo presente em ambientes familiares, mas que permeia em vários espaços, partindo de fatores como a religião, constrangimento ou até mesmo não possuir base necessária para falar sobre o mesmo.

Para compreender de forma mais sucinta as concepções tomadas pelos/as participantes, as respostas analisadas foram categorizadas para uma melhor discussão (Quadro 2), sendo elas: autoconhecimento; conhecimento sobre métodos contraceptivos; orientação e discernimento sobre o tema de forma geral; identificação de situações de assédio e/ou abuso sexual; prevenção da gravidez indesejada; e prevenção de riscos à saúde. Pode-se, assim, ter uma visão de quão importante a educação sexual se faz em diversos âmbitos e aspectos.

QUADRO 2

Respostas dos/as participantes sobre os possíveis benefícios de ter recebido algum tipo de educação sexual

Categoria	Qntd.	Exemplo
Prevenção de riscos à saúde	16	“Se eu não tivesse contato com isso no ensino fundamental (saber das doenças, métodos contraceptivos e etc.) fico me perguntando quando que eu iria aprender essas coisas e em qual circunstâncias.”
Conhecimento, orientação e discernimento sobre o tema de forma geral	9	“Um pouco mais de maturidade e discernimento em relação a algumas verdades e mitos sobre relações sexuais, assim como alguns riscos de saúde.”
Autoconhecimento	5	“Sim, me ajudou a ter ciência da complexidade das ISTs existentes e consequentemente a me cuidar, além disso, de conhecer um pouco sobre meu corpo e as mudanças que estava ocorrendo no momento.”
Identificar situações de assédio e/ou abuso sexual	5	“Não romantizamos as tentativas de abusos, pois já foi nos ensinado previamente o que é correto ou não e aprendemos também a lidar com o assédio.”
Conhecimento sobre métodos contraceptivos	4	“Quando a minha vida sexual começou, eu tive/ tenho esses cuidados em mente que além do preservativo ser uma forma de evitar gravidez de forma indesejada, é a melhor maneira de evitar as ISTs.”
Prevenção de gravidez indesejada	4	“Respeitei meus momentos e só iniciei a vida sexual quando realmente quis e já sabia de muitas coisas para prevenção de IST e gravidez indesejada.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Ao discutir sobre a temática da saúde, torna-se essencial reavaliar os determinantes políticos, econômicos e socioculturais, bem como a integração de novas abordagens nas políticas de educação, meio ambiente, habitação, saneamento básico, entre outros. Nesse sentido, a integração da saúde com a educação pode

resultar em melhorias nas condições de vida, promovendo a interconexão entre conhecimentos, atitudes, comportamentos e práticas pessoais e coletivas, com impacto na sociedade como um todo (Gomes et al., 2002). Sendo assim, a partir dos relatos aqui analisados, podem ser identificados os diversos benefícios resultantes de se obter ES, seja pela visão dos indivíduos ou até mesmo diante de suas experiências de vida.

Destaca-se inicialmente que a categoria com a maior quantidade de respostas é a “Prevenção de riscos à saúde”. Conforme enfatizado por F. Silva (2011), a educação sexual representa uma poderosa aliada como estratégia de saúde pública. Dessa forma, ela pode contribuir diretamente para a redução dos indicadores de morbimortalidade que afetam jovens e adolescentes, promovendo, assim, a saúde sexual desses grupos, além de evitar cenários de assédio ou diminuir o desenvolvimento de traumas, e até mesmo a decisão impensada de ações prejudiciais para si ou o próximo.

A partir dessa perspectiva, a escola pode ser reconhecida como uma importante aliada nesse processo, visto que uma das respostas que foi elencada indica que “se eu não tivesse contato com isso no ensino fundamental (saber das doenças, métodos contraceptivos e etc.) fico me perguntando quando que eu iria aprender essas coisas e em qual circunstâncias”. Este relato faz parte de um assunto considerado como algo delicado e indevido em instituições de ensino, pois muitos pais são contrários à ideia de que seus/suas filhos/as recebam tal informação através de terceiros, apesar do ambiente escolar ser direcionado à aprendizagem e à formação, sendo uma porta de entrada para diversos temas relacionados. Essa postura contraditória e ausente em relação ao assunto em suas próprias residências alimenta o déficit e propicia que seus/suas filhos/as se tornem parte dos grandes índices da sociedade que se enquadram entre os indivíduos que já passaram por uma situação de assédio e não souberam reagir, ou de pessoas que acabam contraindo infecções e outras doenças pela defasagem na informação necessária.

Posteriormente, cabe mencionar as categorias de “Conhecimento, orientação e discernimento sobre o tema de forma geral” e “Conhecimentos sobre métodos contraceptivos”, pois evidenciam afirmações como “Um pouco mais de maturidade e discernimento em relação a algumas verdades e mitos sobre relações sexuais” e “Sim, foi fundamental para lidar com questões basilares da vida sexual como preservativos e outros cuidados atrelados a isso, por exemplo”, como bons exemplos dos benefícios dispostos por ter uma base educacional, enfatizando a importância de uma ES adequada e citando a relevância de possuir discernimento acerca do contexto que os/as cerca, especialmente quando se trata de temas como os mitos a respeito de relações sexuais e a necessidade e importância dos preservativos. Estes são assuntos que constantemente transitam entre os/as jovens e podem influenciar a desmistificação de informações equivocadas sobre relações sexuais, como a crença de que o coito interrompido é um método contraceptivo eficaz. Além disso, é crucial ressaltar que os preservativos auxiliam na prevenção não apenas de gravidez indesejada, mas também na contração de ISTs, que poderiam colocar a própria vida em situação de risco.

Outro benefício a ser ressaltado é o “Autoconhecimento”, enfatizado pela resposta: “além disso, de conhecer um pouco sobre meu corpo e as mudanças que estavam ocorrendo no momento”, demonstrando a compreensão das mudanças físicas ocorridas desde a puberdade até a vida adulta. Em muitos casos, o autoconhecimento pode ser impossibilitado por constrangimento ou até mesmo pela visão imposta no

ambiente familiar, religioso e entre outros, o que pode resultar em um aprendizado tardio e que, em grande parte, não anula as consequências dessa falta.

Também é relevante destacar as afirmações: “respeitei meus momentos e só iniciei a vida sexual quando realmente quis” e “Sim. Maior conhecimento e liberdade nas minhas questões e escolhas sexuais”. Questões como essa são de extrema importância em pautas de discussão. O autoconhecimento tardio incapacita um indivíduo de várias formas, sendo uma delas a dificuldade em compreender seus desejos, limites e identidade individual e social. Essa falta de informação pode dificultar o caminho para que a liberdade acima citada se torne acessível, pois quando alguém possui conhecimento do seu próprio corpo, é capaz de refletir sobre suas possíveis limitações e identificar situações que lhe causam desconforto.

Dessa forma, a categoria “Identificação de situações de assédio e/ou abuso sexual” destaca respostas importantes sobre os benefícios da educação sexual, por exemplo: “Sim, pois é importante sempre ter algumas orientações para (...) se proteger de qualquer coisa relacionada a questão sexual, seja ela com o seu parceiro ou onde nenhum parente ou estranho deve lhe tocar sem seu consentimento” e “não romantizamos as tentativas de abusos, pois já foi nos ensinado previamente o que é correto ou não e aprendemos também a lidar com o assédio”. Essas afirmações ressaltam a importância da sensibilização sobre o tema nos cursos de formação de profissionais da educação, especialmente para educadores, pois, diante do contexto atual, é pertinente discutir o preparo de futuros profissionais da educação, incluindo os/as da área de Ciências Biológicas e seu exercício docente. Considerando que esses/as profissionais fazem parte de uma sociedade na qual a temática é vista de forma negativa, eles/as também podem acabar integrando estatísticas relacionadas ao déficit de informação e conhecimento obtido quanto aos tópicos de ES, impactando em suas formações profissionais como futuros/as docentes. Pois, bem como afirmam Santos e Santos (2019), “o diverso não pode ser visto apenas como uma condição a ser aceita, incorporada a uma matriz hegemônica, ou mesmo celebrada em espaços próprios, particulares, é preciso relacionar o diverso com seu entorno, com a cultura.” (p. 143).

Portanto, é necessária uma formação bem estruturada que promova uma perspectiva mais justa e humana sobre temas semelhantes, permitindo que esses/as profissionais lidem com a individualidade e formação de opiniões quanto aos conteúdos abordados. L. Souza e Dinis (2010) defendem que “a formação obtida no curso pode apontar para dois caminhos: ou ela não foi suficiente para que os/as formandos/as se sintam capazes de falar sobre esses conteúdos, ou (...) não se sentem confortáveis para falar desses temas” (p. 130), dando ênfase à necessidade de desenvolver da presente pesquisa e sua importância para o entendimento de tais perspectivas dos/as futuros/as educadores/as diante do assunto para uma formação profissional equilibrada e de base sólida.

Eles/as têm um papel de participação ativa na vida desses/as jovens e, diante dessa realidade, acabam se tornando também formadores/as de caráter. Com isso, é possível potencializar questões de prevenção e identificação de possíveis violências sexuais (Gagliotto & Vagliatti, 2014), que são frequentes no cotidiano de estudantes em situações de vulnerabilidade e acabam sendo invisibilizadas, conseqüentemente favorecendo a impunidade dos/as agressores/as / assediadores/as. Isso ocorre devido ao medo e ao

sentimento de culpa alimentados pela sociedade, que mantém viva a crença de que tratar de ES em ambientes escolares e em outros contextos corrompe a inocência, quando, na verdade, o oposto o faz com maior eficácia.

No entanto, para parte da população, suas concepções sobre sexualidade são tratadas de maneira reservada, individual e íntima, ao passo que a escola é percebida como uma instituição formal responsável pelo ensino de disciplinas específicas, mantendo-se distante de questões sociais como essa, mas, em contrapartida, sabe-se que essa ideia impacta de forma direta, já que o simples fato de educar se faz um ato social. Conseqüentemente, acreditam que é responsabilidade da família, não da escola, abordar a sexualidade (F. Silva, 2011), apesar desse fato não ser presenciado em muitas famílias.

Por outro lado, é inviável dissociar a sexualidade da escola, uma vez que a sexualidade “é mais do que uma questão pessoal e privada, ela se constitui em um campo político, discutido e disputado” (Louro, 2000, p. 86).

Conclusão

Diante da discussão apresentada, o estudo se mostrou exitoso na resposta aos objetivos que o nortearam. Como principais causas para a falta ou incipiência de ES no desenvolvimento escolar e social do público participante, houve destaque para a perspectiva equivocada de que a sexualidade diz respeito apenas à intimidade dos indivíduos e que seria assunto restrito ao núcleo familiar, o que, por sua vez, cria ao redor do assunto um ambiente de constrangimento e silenciamento. Na mesma via estão os tabus religiosos, que, segundo Navarro-Prado et al. (2023), ainda influenciam fortemente nas tomadas de decisões e nos comportamentos de boa parte dos/as jovens na sociedade, defendendo uma imagem de pureza e apeço pelo ato sexual apenas após o casamento, sendo esse apelo insuficiente para impedi-los/as de praticar outros atos, como o sexo oral e outras ações que acabam os/as tornando vulneráveis.

Os estereótipos de gênero (e as violências deles resultantes), assim como a ideia de que a sexualidade estaria desvinculada de esferas coletivas, como educação e política (o que é sabidamente desmentido pela literatura), também se enquadram em empecilhos que dificultam a propagação eficiente do assunto. Os resultados, assim como a literatura consultada, também apontaram que as principais conseqüências da ausência de ES durante infância e juventude dizem respeito à maior vulnerabilidade nos âmbitos da saúde física e do assédio sexual, estando os benefícios da efetiva ES também relacionados ao combate a estas problemáticas.

Os dados da pesquisa mostram que a ausência da promoção de educação sexual em ambientes estratégicos para a formação individual e social, como a escola, aprofundam a vulnerabilidade diante de situações que abrangem desde o autocuidado até a exposição a assédio sexual. Apesar de ainda ser tida como assunto polêmico e contraditório numa perspectiva conservadora, a contradição que envolve a ES não reside no tema em si, mas no trato que a ele é dado. Ao mesmo tempo que uma parcela da sociedade se opõe à promoção da ES nas escolas (por supostamente se tratar de um assunto privado e de responsabilidade da família), ainda predomina a omissão do tema nas discussões familiares, restando, por conseguinte, uma lacuna que se perpetua muitas vezes por toda a vida adulta do indivíduo.

Além dos impactos da ES sobre a vida cotidiana dos indivíduos que participaram desta pesquisa e considerando que o perfil deste público compreende estudantes de um curso de graduação de licenciatura, percebeu-se a importância do contato com o assunto na formação docente. As futuras e futuros docentes enfrentarão a problemática dos conflitos na esfera da sexualidade por um outro ponto de vista, o de quem deve estar preparado/a para acolher e instruir acerca do tema. Investigar o grau de familiaridade de docentes em formação com a ES revela possíveis lacunas a serem preenchidas, assim como direcionam possíveis intervenções na estrutura curricular das licenciaturas. Este dado reafirma a importância da realização de pesquisas como o presente estudo, inspirando ainda a ampliação do público alvo para licenciaturas de outras áreas do conhecimento além das Ciências Biológicas.

Agradecimentos: Agradecemos à Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq PB), pela concessão de bolsas de iniciação científica e ao Instituto Federal da Paraíba (campus Cabedelo), pela estrutura física e bibliográfica essenciais para a realização deste trabalho. Também agradecemos ao professor Dr. Thiago Leite de Melo Ruffo, pela orientação sensível e ativa. Por fim agradecemos às pessoas que foram agentes da educação transformadora ao longo dos nossos caminhos, na academia e na vida.

Financiamento: Esta pesquisa foi contemplada com bolsa de iniciação científica, pelo Edital n.º 03/2022 da Fapesq PB.

Referências bibliográficas

- Abreu, João Filipe R. (2010). *O conhecimento e a atitude face à saúde sexual e reprodutiva: Um estudo correlacional em estudantes universitários* [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da ULisboa. <http://hdl.handle.net/10451/1249>
- Alves, Fátima L. G. (2018). *Assédio sexual entre alunos no ambiente escolar: As influências da desigualdade de gênero e do machismo, e o papel da escola no enfrentamento aos padrões culturais de dominação da mulher* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Pará]. Biblioteca Digital de Monografias UFPA. <https://bdm.ufpa.br/jspui/handle/prefix/1357>
- Baracuhy, Regina, & Pereira, Louise M. (2021). Embates discursivos no campo da educação sexual infantil nas escolas brasileiras: Em pauta, o PCN orientação sexual e o “kit gay”. *Revista Humanidades & Inovação*, 7(27), 188–203. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/5065>
- Bonfim, Cláudia R. S. (2010). Educação sexual: Contradições, limites e possibilidades. *Filosofia e Educação*, 2(2), 406–423. <http://dx.doi.org/10.20396/rfe.v2i2.8635513>
- Breuner, Cora C., Mattson, Gerri, Committee on Adolescence, & Committee on Psychosocial Aspects of Child and Family Health. (2016). Sexuality education for children and adolescents. *Pediatrics*, 138(2), e20161348. <https://doi.org/10.1542/peds.2016-1348>
- Cassiavillani, Thiene P., & Albrecht, Mirian S. P. (2023). Educação sexual: Uma análise sobre legislação e documentos oficiais brasileiro em diferentes contextos políticos. *Educação Em Revista*, 39(39). <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/39794>

- Coutinho, Raquel Z., & Miranda-Ribeiro, Paula (2014). Religião, religiosidade e iniciação sexual na adolescência e juventude: Lições de uma revisão bibliográfica sistemática de mais de meio século de pesquisas. *Revista Brasileira de Estudos Populares*, 31(2), 335–365. <https://doi.org/10.1590/S0102-30982014000200006>
- Fagundes, Tereza P. C. (2007). Educação sexual: Família, escola e temáticas especiais em educação. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 18(2), 405–415. <https://doi.org/10.35919/rbsh.v18i2.391>
- Figueiró, Mary D. (1996). A produção teórica no Brasil sobre educação sexual. *Cadernos de Pesquisa*, 98, 50–63. <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/795>
- Figueiró, Mary D. (2010). *Educação sexual: Retomando uma proposta, um desafio* (3.ª ed.). Eduel.
- Fiorini, Jessica S. (2020). *Educação sexual na escola: Currículo e práticas*. Editora UNESP. <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-5954-006-8>
- Foucault, Michel (1988). *História da sexualidade I: A vontade de saber mais* (Maria Thereza Albuquerque & Guilhon J. A. Albuquerque, Trad.). Edições Graal. (Trabalho original publicado em 1976)
- Furlanetto, Milene F., Lauermann, Franciele, Costa, Cristófer B., & Marin, Angela H. (2018). Educação sexual em escolas brasileiras: Revisão sistemática da literatura. *Cadernos de Pesquisa*, 48(168), 550–571. <https://doi.org/10.1590/198053145084>
- Gagliotto, Giseli M., & Vagliati, Ana Carla (2014). Formação de professores e educação sexual: O conhecimento psicanalítico na prevenção e identificação da violência e abuso sexual contra crianças e adolescentes na escola. *Revista Teias*, 15(37), 168–177. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24428>
- Garbarino, Mariana Inés (2021). O tabu da educação sexual: gênese e perpetuação dos preconceitos na infância. *Cadernos Pagu*, 63, e216316. <https://doi.org/10.1590/18094449202100630016>
- Gerhardt, Tatiana E., & Silveira, Denise T. (2009). *Métodos de pesquisa*. Editora da UFRGS.
- Gil, Antonio Carlos (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4.ª ed.). Atlas.
- Gomes, Waldelene A., Costa, Maria Conceição O., Sobrinho, Carlito L. N., Santos, Carlos S. T., & Bacelar, Eloísa B. (2002). Nível de informação sobre adolescência, puberdade e sexualidade entre adolescentes. *Jornal de Pediatria*, 78(4), 301–308. <https://doi.org/10.1590/S0021-75572002000400009>
- Leite, Helen, Reis, Suzana, & Moreto Milena (2022). *Educação sexual no ensino infantil: Quebrando tabus* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade São Francisco]. USF. <https://www.usf.edu.br/galeria/getImage/768/119947079785286.pdf>
- Louro, Guacira (2000). *Currículo, gênero e sexualidade*. Porto Editora.
- Louro, Guacira (2016). Pedagogias da sexualidade. In Guacira Louro (Org.), *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade* (3.ª ed., pp. 7–34). Autêntica.
- Maia, Ana Claudia B. (1998). Informações sobre temas relativos à sexualidade em um grupo de adolescentes de uma escola pública de Bauru - SP. *Mimesis*, 19(1), 41–58. https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v19_n1_1998_art_03.pdf

- Ministério da Educação. (1997). *Parâmetros curriculares nacionais (PCN): Apresentação dos temas transversais e ética*. MEC. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>
- Ministério da Educação. (2014). *O PNE na articulação do sistema nacional de educação: Participação popular, cooperação federativa e regime de colaboração*. MEC, Secretaria Executiva, Secretaria Executiva Adjunta. http://fne.mec.gov.br/images/pdf/documentoreferenciaconae2014publicacao_numerada3.pdf
- Ministério da Educação. (2018). *Base nacional comum curricular: Educação é a base*. MEC. http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf
- Ministério dos Direitos Humanos. (2018). *Balanço anual da ouvidoria disque 100–2017*. Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos. https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/disque-100/relatorio-balanco-digital-2017_disque100.pdf.
- Miguel, Luis Felipe (2016). Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero”: Escola Sem Partido e as leis da mordça no parlamento brasileiro. *Revista Direito e Práxis*, 7(3), 590–621. <https://doi.org/10.12957/dep.2016.25163>
- Navarro-Prado, Silvia, Sánchez-Ojeda, Maria Angustias, Fernández-Aparicio, Ángel, Vázquez-Sánchez, Maria Ángeles, Plaza Del Pino, Fernando Jesus, & Alemany-Arrebola, Immaculada. (2023). Sexuality and religious ethics: Analysis in a multicultural university context. *Healthcare*, 11(2), 250. <https://doi.org/10.3390/healthcare11020250>
- Pancake, Rachel M. (2012). *Sex shame and pleasure* [Doctoral dissertation, California State University]. CSU. <http://hdl.handle.net/10211.2/2784>
- Porto, Pedro F. (2014). *Violência doméstica e familiar contra a mulher: Lei 11.340/06 - Análise crítica e sistêmica* (3.^a ed.). Livraria do Advogado.
- Saito, Maria I., & Leal, Marta M. (2000). Educação sexual na escola. *Pediatria*, 22(1), 44–48.
- Saldaña, Johnny (2013). *The coding manual for qualitative researchers* (2nd ed.). SAGE.
- Santos, Cristiano F., & Santos, Rosemeire M. R. (2019). Desafios na formação docente em diversidade sexual. *Educação: Teoria e Prática*, 29(60), 140–161. <https://doi.org/10.18675/1981-8106.vol29.n60.p140-161>
- Sfair, Sara C., Bittar, Marisa, & Lopes, Roseli E. (2015). Educação sexual para adolescentes e jovens: Mapeando proposições oficiais. *Saúde e Sociedade*, 24(2), 620–632. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902015000200018>
- Silva, Fabiane F. (2011). Lições de sexualidade na escola. In Fabiane F. Silva & Elena B. Mello (Orgs.), *Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação* (pp. 146–157). Unipampa.
- Silva, Trycia F., Fernandes, Sabrina T., Alves, Nemório R., Farias, Andreza A., Silva Júnior, José Antonio, & Santos, Sheila P. (2019). Representações dos estudantes de enfermagem sobre sexualidade: Entre estereótipos e tabus. *Trabalho, Educação e Saúde*, 17(2), 1–18. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00202>

- Soares, Lizandra M., & Soares, Nandra M. (2022). Sex education in the school context: Voices of elementary school teachers. *Research, Society and Development*, 11(3), 1–12. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i3.26910>
- Souza, Elaine J. (2018). *Educação sexual além do “biológico”*: Problematização dos discursos acerca de sexualidade e gênero no currículo de licenciatura e biologia [Tese de doutoramento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. LUME Repositório Digital. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/181806>
- Souza, Leandro C., & Dinis, Nilson F. (2010). Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação docente em biologia. *Pro-Posições*, 21(3), 119–134. <https://doi.org/10.1590/S0103-73072010000300008>
- Swartzendruber, Andrea, & Zenilman, Jonathan M. (2010). A national strategy to improve sexual health. *JAMA*, 304(9), 1005–1006. <https://doi.org/10.1001/jama.2010.1252>
- Trindade, Ellika, & Bruns, Maria T. (1999). *Adolescentes e paternidade, um estudo fenomenológico*. Holos.
- Vargas, Rosana S., Beerbaum, Alisson V., & Boff, Eva O. (2022). Educação sexual para a diversidade: Questões de gênero e educação / Sexual education for diversity: Gender issues and the school context. *Revista Contexto & Educação*, 37(116), 258–275. <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2022.116.11325>